

| | |
|----------------|--------|
| Trimestre..... | 2\$000 |
| Semestre..... | 4\$000 |
| Anno..... | 8\$000 |

O PENSADOR.

Tres vezes por mez, nos dias 10, 20 e 30.

ORGÃO DOS INTERESSES DA SOCIEDADE MODERNA

—Ex. (de um status parviti fluctuans, et circumdationum suavi virenti doctrine, in scriptis hactenus, in cunctis ad circumventivum errorem. (E. Paulo, ad Epitaphum, Epitaphi Cap. V, v. 67)

Maranhão, 20 de Fevereiro de 1881

Propriedade de uma associação

O PENSADOR.

MARANHÃO, 10 DE FEVEREIRO DE 1881.

Ao publico

Deve seguir agora para o Rio de Janeiro o Sr. Zacharias Marcondes Nogueira, a quem, auxiliados por distincas Sras. e dignos cavalheiros, que benevolmente accudiram ao nosso appello, proporcionamos recursos para transportar-se á terra natal.

O agradecimento, que em seguida publicamos, patecia o modo porque O Pessanan, satisfez o seu compromisso e mostra a grandeza d'alma dos maranhenses, que, as injustiças ao Sr. Bispo lhes tem feito, responderam pagando a passagem do sobrinho, que havia abandonado.

Em outra parte deste periodico publicamos tambem uma certidão da Secretaria de Policia, provando á evidencia, que O PENSADOR defendendo Zacharias, não defendeo um criminoso, como covardemente insinua a gazeta padresca.

AGRADECIMENTO.

Zacharias Marcondes Nogueira, faltaria a um sagrado dever, se não viesse publicamente agradecer a todas as pessoas e especialmente aos dignos redactores d'O Pensador, que tão generosamente lhe facultaram passagem para o Rio de Janeiro e recursos para d'alli se transportar á sua terra natal; onde põe á disposição de todos o seu insignificante prestimo, garantindo ser eterno o seu reconhecimento.

Maranhão, 18 de Fevereiro de 1881.

Zacharias Marcondes Nogueira.

Prevenção ao publico.

Deixa n'este numero de ser publicado o artigo em continuação ao estudo que temos feito sobre o passado da Egreja.

A extraordinaria affluencia de materia a isso nos forçou. Breve porém o continuaremos e lhe daremos fim para encetar uma nova serie de artigos sob a denominação de—O Presente da Egreja.

FOLHETIM.

UMA PARABOLA.

«A parabola é um conto oriental, é uma instrução familiar que chega a todas as intelligencias.

Deixe-nos o publico fallar-lhe em parabolas.

Mhi vai uma!»
Para Bispo da diocese de uma das mais importantes cidades do norte do Brazil, viera um padre chamado Antonio, homem de estatura regular, bem esquadado, de gestos matrosos, de olhar laudioso, e sobretudo completamente despido de encheamentos.

Fora um presente que o governo, em tão má hora, fizera aos pacíficos habitantes de tão boa terra.

Similhante joia foi recebida com todo o acatamento e respeito. Seu rebanho, acostumado a viver feliz e em completo socego, ainda derramava lagrimas bem sinceras pelo passamento de seu ultimo

O Pensador, fiel a seu programma, não podia deixar de estudar a Egreja sob todas as suas faces. Tem tratado do passado d'essa instituição para bem a fazer comprehender. Eis a razão porque o estudo que publicamos é essencialmente historico-philosophico.

No nova serie que dentro em pouco enretaremos, nosso trabalho será de genero diverso. A velha instituição dos Papas oppoem-se a sociedade moderna trabalhada pela sciencia derrocando o edificio temeroso das crencas religiosas. Fallaremos de tudo o que é moderno, de tudo o que é grande. Havemos de expor os progressos das sciencias naturaes que avança ante a decadencia das theologias que fogem. Deixaremos traçado o grande quadro do nosso seculo—este seculo XIX tão odiado dos tyrannos. Desde as theorias frageis dos teleologistas até á concepção darwinica tudo exporemos francamente. Estamos convencidos que cada passo da sciencia é um atrazo para a Egreja.

Falta-nos porém completar nosso estudo sobre o passado. Ainda temos que lançar nossas vistas sobre os acontecimentos que precederam, morreua e trez. Fal-o-bem, para depois proseguirmos n'uma estudo que julgamos necessario.

O Pensador espera de seus leitores a benevolencia de acompanhá-lo n'esta grande analyse.

Quem nos lê é porque pensa.

Quem pensa é homem.

E para os homens que escrevemos.

A beneficencia do Sr. D. Antonio de Alvarenga.

O Paiz do 15 do corrente traz uma pega curiosa. Mais que curiosa—interessante. E' o traslado do contracto celebrado entre o Sr. D. Antonio Candido de Alvarenga e seu ex-mordomo Zacharias Marcondes Nogueira.

Para aquelles que leram a *Civilização*, para aquelles que tiveram a sufficiente paciencia para digerir a insulsa parabolita (?) inserta no seu ultimo numero, este documento veni trazer uma luz immensa. E' o pharol que illumina o caricato e repugnante perfil da beneficencia de S. Exc.^a Rvm.^a. E' o feixe de luz electrica que nos

pastor,—vortadeiro modelo da paz e da caridade.

Com o correr do tempo o povo desgostoso, pensava tristemente no desordem e na anarchia em que calariam as cousas religiosas, as suas firmes devoções, os seus costumes, e nas serias consequencias que d'alli provavelmente resultariam.

Não tardou muito que assim acontecesse.

Antonio vendo-se altamente collocado, dotado de uma inequicia digna de admiração, começa a praticar todos os dias innumerables arbitrariedades, injustiças e deslemperos de todos os quilates.

Firmara sua reputação entre o povo. A ignorancia e a inequicia eram os requisitos mais valiosos que ornavam a sua pessoa.

Compadecidos do tristissimo e indecente papel que estava representando o seu superior, alguns sacerdotes studos, amigos da ordem e da paz, chegaram-se a elle e fizeram-lhe ver qual a critica situação em que se achava, e de alguma

desenja completamente o moral do actual Bispo desta diocese.

Mé o momento de termos tal escriptura julgavamos conhecer o Sr. D. Antonio. Fallamos d'elle uma ideia triste. Consideravamos-o como um homem despido de illustração, a quem pouco faltava para ser um neciso completo. Julgavamos-o um animal libido um pouco hilioso. Viamos nelle tudo, menos um padre digno de ser bispo.

Pois bem, estavamos em completo engano. S. Exc. não é a nullidade que pensamos. S. Exc. é um homem politico, mathematico, calculista. S. Exc. sabe até especular com a beneficencia. S. Exc. exerce a caridade com sens semelhantes para evitar que seus bolsos se esvasiem. S. Exc. resolveu o problema de fazer bem de um modo novo. Seus actos de caridade têm o cunho da especulação.

Reclificamos portanto hoje o nosso juizo temerario. Reconhecemos que S. Exc. não é illustrado—mas que tem sagacidade; que não sabe latin—mas que faz excellentes contractos; que não gosta de comprar carneja—mas que quer ser servido por medico salario; que prega pessimos sermões—mas que se utiliza das alforrias; que, finalmente, é zero como bispo—mas um grande homem na economia domestica.

E como amigos que somos de S. Exc. pedimos-lhe que nos perdoe o haver julgado que no Bispo do Maranhão nada havia de bom. Foi um engano que o contracto de S. Exc. acaba de dissipar.

Analysemos o contracto. Esse analyse é a reabilitação de S. Ex. Vamos reabilitá-lo.

Que um homem dê a liberdade a seu sobrinho, emprestando-lhe um conto e quinhentos mil reis para esse fim, é um facto naturalissimo. Que exija o pagamento dessa quantia dentro de um tempo limitado, ainda é coisa natural. Mas que contracte um mordomo, um factotum, um *alvarejo* por vinte e cinco mil reis e rompa hypotheca por mez, eis o que não é natural. Aqui ha o artificial que excede a naturalidade. Apud ha a especulação—mas a beneficencia.

Na curiosa pega á vista, no contracto que S. Exc. Rvm. assignou com Marcondes, uma coisa ha que salta aos olhos do leitor. E' a maneira porque o Sr.

maneira tentaram guiá-lo para o verdadeiro caminho de que se finda affastado.

Isto de nada serviu. Antonio não admittia conselhos. Altra para o ludo os seus prudentes conselheiros e pie em pratica o seguinte expediente:

—Manda buscar em uma diocese bem proxima um refinado jesuita, desordeiro muito conhecido, para auxiliá-lo.

Incontinenti apresenta-se o padre João Gadelhinda, o tipo mais perfeito da immoralidade e da degradação.

Este padre tinha uma vida negra e tenebrosa.

Por muitos vezes valera-se de sua sagrada missão para plantar a discordia no seio das familias.

Aparentava distribuir caridade o servira-se d'ella para afiar algumas pedras e innocentes creaturas no abyssmo inundo da prostituição, inutilizava-se protector das orphãs e desvalidas, e em vez de zelar pela honra e felicidade de suas protegidas, innocenciava-lhes n'alma o veneno da corrupção. Desprezava-as depois

D. Antonio estipula o seu embolso. E' a grande vantagem que S. Exc. procura tirar do emprestimo que faz a Zacharias. E' a habilidade financeira com que um ministro do Evangelho faz voltar para seus colles o dinheiro que dispendem. E' a astucia empregada por um bispo para fazer fructificar a quantia de um conto e quinhentos mil reis. E' a enorme sagacidade que por momentos transformou S. Exc. em banqueiro israelita.

Um homem que quer ser livre é um homem que aceita todas as condições. Zacharias achava-se n'esse estado quando S. Exc. lhe emprestou o dinheiro para a alforria. Queria a liberdade que lhe sorria ao longe com seu brilho enorme. Nasceria escravo e queria ter um corpo que lhe pertencesse, um pensamento que fosse seu. Queria a liberdade fosse como fosse, custasse quanto custasse. Que lhe importava arriscar o seu futuro com quando que a possuisse ?

Foi da aspiração de Zacharias que o Sr. D. Antonio se serviu. Queria um mordomo *à bono arbitrio*, e lembrou-se de aproveitar a occasião. Emprestando dinheiro a Zacharias para apressar-se d'elle. Marcondes tinha um salario mesquinho que o deixava á sua mercê durante cinco annos. Esperou com o desgraçado que queria quebrar as cadeias da escravidão. E, depois de haver armado a rãde em que prendera o escravo liberto, apregou a tudo othe a caridade que tivera com seu sobrinho !

E Zacharias nada comprehendera. Deixara-se prender na armadilha do bispo. Não pensara que o salario estipulado era mais que mesquinho. Não cogitara que trocara a escravidão por outra escravidão. Não imaginara que seu protector fosse capaz de dofrandá-lo. Estava ignorando da astucia de que fora victima, e rae-se para o Sr. D. Antonio !...

Vinte e cinco mil reis por mez !—meus que o salario de um conselheiro para o mordomo de um bispo cuja renda é de mais de 30 contos annuaes, !—Vinte e cinco mil reis, acompanhados de uma roupa que só Zacharias vestia no escriptura !—Vinte e cinco mil reis, e nem mais um oboio, nem mais um oitell, para supprir as necessidades de um homem de vinte e tantos annos! Vinte e cinco mil reis

de ter calado debaixo dos pés suas grinaldas de virgem. Era feliz em suas emprezas. Vepradoiro libertino, trocava as orações pelos atractivos da crapula e da orgia.

Vinda contente.

De espirito atido e malfazejo, tinha esperanças de continuar na mesma senda em que estava acostumado a andar.

Antonio era ignorante, parvo, um pedago d'issoo eudim, e elle possuidor de um espirito perspicaz e trazeiro de certo haveria de supplantá-lo.

Antonio beijou, abraçou, e sentiu um grande contentamento em tê-lo bem junto a si. Guiado por seus conselhos, elevado por suas palavras, Antonio sentiu em breve agitar-se dentro de si um immenso volcão de desejos.

Antonio ama, apaixonou-se e tem ómmes.

O padre João Gadelhinda teme e julga-se achar-se em frente de um rival.

Antonio quando viera para a diocese

UMA GARGALHADA DO PENSADOR.

TRANSAÇÃO FEITA COM O CARNAVAL PELO ORGÃO DOS INTERESSES DA SOCIEDADE MODERNA

Se o número é um animal que pensa, também é por acreditar em um ser que ri.
Pensar e rir—Essa é duas funções características do gênero humano.
Deixa rir o Pensador.

Maranhão, 28 de Fevereiro de 1881

Propriedade de uma associação

O PENSADOR.

MARANHÃO, 28 DE FEVEREIRO DE 1881.

Estamos em pleno reinado da bisnaga. Um vento enorme de febre agita actualmente os cerebros. Uma porção de loucura apodera-se da humanidade. Todo o homem sacode a simetria convencional que a sociedade lhe traçou. Sacode-a para se lançar a um delírio — o carnaval.

E o carnaval surge. Surge com seu passado extravagâncias. Surge com suas máscaras, suas cabacinhas, seus rejuvênios, seu pó de sapatos, seu vernelhão, e suas bisnagas. Surge como uma gargalhada enorme que em todas as coisas mostra ao homem a vaidade da sensatez. Surge para provar que nas circumvoluções do cérebro humano ha uma luz para a loucura.

Aos triumphadores dizia-se outr' hora — Lembra-te de que es homem — Hoje o carnaval diz ao homem — Lembra-te de que es um louco. E esta loucura natural, esta loucura que pertence tanto ao homem como pode pertencer o pensamento, esta loucura é filha da necessidade. Preciso é que o homem ria. O riso é uma onda da luz que entra no cerebro.

Ri-te, povo! Demais tens chorado!

O primeiro vulto da actualidade é a bisnaga. E a ella que pertence a realzaa carnavalesca. Ou seja de malacheta ou de gatta-percha, ou continha agua de cheiro ou simples pó de arroz, a bisnaga tem para si um throno em todas as cabeças. Desde o perfil severamente ridiculo de S. Exc. Rvdm. até a physionomia elegantemente expressiva da donzella, está estabelecida uma serie ininterrupta de bisnagas. A bisnaga impera, a bisnaga domina, a bisnaga tudo absorve.

Ohai para alli. Não vódes quem passa? — Ah! sim! é o Rvd. Mourão. — Não lhe vódes um emburloho suspeito que escode nas dobras da batina? — Vejo, sim. O que será aquillo? — Adevilha. — É talvez uma custodia? — Qual custodia! O que elle leva é uma bisnaga, e uma bisnaga patente. As irmãs do coração que se preparam para lhe receber a visita. E contra ellas que a bisnaga esguichará.

E S. Exc. Rvdm! O que faz S. Exc. — S. Exc. pensa em bisnagas. Já escolheu duas duzias d'ellas que tentava transformar em metralhadoras do convento. Que as recolhidas lhe esperam o entrado. S. Exc. breve as irá visitar de bisnaga na mão. E fará um destroço enorme. Esguichará para todos os cantos perseguindo as genias carinhãs que lhe fugiram ás bisnagas assustadoras.

E o que se faz nas Egrejas? Nas Egrejas estão os formigões de bisnaga em punho á espera do padre Fonseca. Aguardam a entrada do comprado sacerdote para o lavarem em perfumes. Hão-de molhar-o litteralmente. Nenhuma parte de seu corpo será poupada. Banhar-se-ha o padre Fonseca — cousa que elle não faz muitas vezes.

Quanto ás irmãs do coração estas aguardam o Mourão. Esperam-no com cabacinhas. Vai haver um enorme combate. Quem triumphará? — a bisnaga ou a cabacinha? — Respondei, fazeis do orbe! Respondei, prophetas do Catholicismo!

Nos pincaros das elevações sociaes já

vistes como a bisnaga triumphá. Não é porem só alli que ella reina. Em todas as classes veta-heis dominando com um despotismo absoluto.

Acabáes de ver que tratando da sociedade domas a primazia á Egreja. Consideramos-na a primeira plana. Assim era preciso. A Egreja pertence a aristocracia da bisnaga. Possue-a *par deus de usque*.

Que as outras classes se não offendam comanso. Que os politicos, os lechareis, os negociantes, os jornalistas, os empregados publicos, os professores, os artistas, etc., nos desculpem tratad-os secundariamente. Em questão de bisnagas não estão á altura da Egreja. Resignem-se a um papel secundario.

Isto não quer dizer que tenham menos bisnagas que S. Exc. Rvdm. Isto não significa que possuem menos cabacinhas que as irmãs do coração. O que isto revela é que as bisnagas para elles são um simples passatempo. O que isto prova é que as cabacinhas são para elles um mero divertimento. Com S. Exc. não acontece o mesmo. Ellas estão á altura do gallo do convento. Com as irmãs do coração o mesmo não succede. As cabacinhas erguem-se ás amunidades que adpam os sermões do padre Mourão.

E contudo a bisnaga triumphá em todas as classes populares. Seu triumpho é um esguicho nem sempre cheiroso. Triumphá com denodo, com gallardia. Triumphá fatalmente no seio do carnaval. E todos que a virem passar, todos a quem ella molhou, descobrem-se respeitoses e dizem — Alli está a bisnaga! ... E o olho repele — água... água.

E que a bisnaga tem innumerás significação. Para o politico ella é a inaugura do voto que elle alcançará do votante experimentando. Para o lechareo — symbolisa um futuro de gozos rapido como o seu esguicho. Para o negociante — caracteriza uma operação financeira de que o outro ha-de jorrar como a agua do chorro. Para o empregado publico — toma as proporções de um accesso a encargo superior — elle subirá como o liquido della. Para o jornalista — é a synthese da opinião publica que elle exprime como lhe convem. Para o professor — é uma regra de grammatica que deseja introduzir no craneo do alumno como um esguicho. Para o artista — assume a importancia de um ideal de curdos que lhe hão de cahir na cabeça como os respingos da agua do chorro. Para todos, enfim, a bisnaga tem um alcance desmedido.

E sobretudo no bello sexo que a vemes tripudiar trefegamente. A bisnaga é essencialmente feminina. Para as donzellas — tem os encantos de um namorado basicamente platónico cujos olhares amortecidos esguicham amor em raios apavallados. Para — as casadas posae a magia de um marido que lhes esguicha vestidos, chapeos, botinas e rendas. Para as viúvas — dispersa recordações de um passado que rapido voou como o seu esguicho veloz. Para todas, enfim, tem uma expressião intraduzivel.

E não pasmois da realzaa da bisnaga. Não vos admiréis do seu dominio incontrastavel. Lá mesmo em Roma ella impera sobranceira. Foi sentar-se no throno dos Papas. D'ahi jorra sobre a humanidade.

O que é rigorosamente o Syllabus não é uma bisnaga que pretende molhar as consciências?

O que é o Papa senão o ponto culmi-

nante de um carnaval historico que se chama Egreja?

A bisnaga tem porem um competidor. E uma força que lhe disputa o dominio do carnaval. E a mascara. A mascara enjo poder espirital pretende invadir o temporal da bisnaga. A mascara que tambem reina despothicamente.

Um dia o homem reunido-se em sociedade lembrou-se de esconder o corpo. Escondendo seus vestidos que inventou. Deixou porem a cabeça de fora. Não tinha vergonha da cara. Bastava-lhe occultar aquillo que não julgou digno de andar á vista.

Ficou a cara porfando fora. Foi o b-tio. Era uma indez que antes vergonhava ninguém. Testa, olhos, nariz e boca, apresentava-se com o cyano atrevido.

Um dia o nariz teve vergonha. Foi seguida a sua viagem que fizez que escondesse. Recorreu ao papelão, inventou um irmão postico. Cobrio-se com elle. Decidilo as ventas.

O rosto protestou contra o tyrano nariz. O protesto de nada valeu. Com alguma pode fazer. Resignou-se então a occultar a mascara. Era uma descoberta que punha a cara coberta.

E o homem lançou com a mascara. Lactou porque ás vezes tinha vergonha da propria cara. Lactou porque podia substituir a mascara por outra. Pela vida social forçado era a se mostrar sempre sisudo. Essa simidez pejava-lhe. Com a mascara elle podia mostrar-se tal qual a natureza o fizera. Mostrando-se todo aberto punha sua individualidade a descoberto.

E a mascara fez revelações enormes. Vinse um bispo grave e sisudo. Julgava-se um santo. Puncto elle a mascara e zelava-se-lhe a cadadura estúpida e luxuriosa de um asno. Contemplava-se um litterato. Consideravam-no um escriptor distincto. Puncto elle a mascara e... encontrava-se um imbecil astutamente plagiaro. Olhavam-se para uma dama. Todos lhe respeitavam a honestidade. Puncto ella a mascara e... estava patente a Messalina.

Assim o que se escondera apparece. Assim o moral humano, que as convenções occultavam, irrompia através das fendas da mascara.

E o carnaval — esse costume que se perde nas trevas da idade media, aproveitou-se da mascara. Com ella podia ser mais faceto, mais natural. Com ella tomava proporções mais alegres, mais defenidas. Com ella podia revelar mais francamente a veia de loucura que existe em todo o homem. A mascara era a revelação do homem interior.

Hoje que estamos em carnaval reconhecemos esta verdade. Tambem o Pensador se mascara. Tambem elle revela o que são seus redactores. Tambem elle ri com os jovens que o religem. Tambem elle ataca com o ridiculo essa mascarada que se chama — Egreja.

E se nós hoje tomamos mascara, se nós nos vestimos convencionalmente para rir, é porque, sendo homens, queremos elucidar a todos sobre o que somos. Nada de artificio n'esta occasião! Nada de falsas fignies mortaes! Nada de postigos intellectuaes! Que a mascara nos conceda a franca gargalhada dos vinte e cinco annos!

Não somos os únicos a revelar o nos-

so ser interior. Alem passa S. Exc. Rvdm. vestido com um Pierrot que lhe offerecemos e o padre Mourão com o Chicard que as manas do coração lhe douam. Estão ambos ao natural. Um mostra sem rebuço a sua proverbial ingenuidade. O outro assume as proporções de um tyranno de comedia. Ambos fazem rir, porque ambos se mostram tales quaes são.

E quando S. Exc. abandona a mitra para folgar, quando o Mourão deixa seu jornal para dar saltos furibundos, justo é que façamos alguma cousa. Vamos portanto deitar mais um pouco de vernelhão nas faces, e mais alguns cabellos no bigode postico.

Perde-mos o leitor a semcerimonia. Nos queremos rivalisar com S. Rvdm. Vamos procurar ser tão ridiculos como elles.

A empreza é difficil.

Deixamos em silencio as cabacinhas. Não lhes delineamos o vulto. Não lhes tracamos a individualidade principesca. Tivemos porém medo. Não queremos penetrar nesse mundo de borracha.

Que a outro caiba essa gloria. Que outro descreva o mais de que se occupam os prazeres carnavalescos. Nós estamos cansados de espintuar na secção editorial do Pensador. O cerebro não nos dá mais nada. Estamos hucato como um sermão do padre Osorio.

Da bisnaga passamos á mascara. Dissimos asmeiras aos milhaves. Rivalizamos com a Gerdão. Está concluida a nossa tarefa. Nada mais nos resta a fazer.

Nada? — Estamos em erro. Vamos dançar uma quadrilha com S. Exc. Rvdm. E' nosso vis-á-vis o Aluizio dançando com o Mourão.

E já que dançamos deixem-nos dizer á nossa par que dança como um anjo.

En avant deax, Mr. de la Palisse.

La Palisse é o nome de guerra de S. Exc.

VARIEDADE.

ENIGMAS

1.ª *da imitação dos de Civilis-o-bicho.*

1.ª Porque quando mette-se um objecto n'agua elle deixa de ficar secco?

2.ª Porque uma pessoa deitada occupa mais logar no plano em que está, do que uma de pé?

3.ª Porque razão um gato ao pé do fogo sente calor e mergulhado n'agua gelada sente frio?

4.ª Porque em geral os relogios dão mais horas das sete e não antes?

5.ª Porque razão o senhor conego Mourão refugiou-se no Maranhão, gosando aliás de grande importancia no Pará?

6.ª Qual o motivo porque um homem gordo peza mais do que um homem magro?

7.ª Porque motivo os sermões do senhor Bispo não são tão bons como os de Bossuet?

8.ª O que faz com que um burro de olhos abertos — veja, e de olhos fechados — não veja?

GRANDE E EXPLINDIDA PASSEIATA DO CLUB GEREIBINO.

O CLUB GEREIBINO, composto na sua maioria de jesuitas pandegos e de **BONS COSTUMES**, sahirá pela primeira vez em passeiata sob a intelligente direcção do muito conhecido

SEU PUREZA.

Pelas 4 horas da tarde de Terça-feira gorda uma descommunal girandola de foguetes, expressamente preparados com 25 cartas de

JOAO GADELHUDO,

pelo insigne bombista Frei

TABACO,

anunciará ao publico estupefacto desta capital que o grande Club Gereibino vai deslizar em passeiata, guardando a seguinte ordem:

1.º

MERCURIO OU O MENSAGEIRO DOS AMORES BENTOS,

representado pelo habdissimo—SEU PUREZA—que, montado em um soberbo loi-cavalle, ajacado a capricho, romperá a marcha, tocando uma magnifica gaita de folles, obsequiosamente oferecida pelo Launé, visto D. Geréba ter prohibido o uso da corneta.

2.º

Um carro artisticamente preparado representará a

GASTRONOMIA,

sobresalindo por entre a multidão de—tortas, pasteis e mil outras golosimas, a figura caricata do—**Vigarão de Pirocaua** que, nã da cintura para cima, levará ao pescoço um formidavel rosario d'azeitonas d'Elvas e na boca um enorme paio de Lamego.

3.º

Um segundo carro, cuja decoração foi oferecida pelas meninas do **AMPARO;** conduzirá

PLUTÃO-REI DOS INFERNOS,

ladeado pelas duas—**PROZERPINAS**, victimas da sua concupiscencia. Este papel confiado ao famigerado GADELHUDO, promette o mais catal desempenho.

4.º

Um terceiro carro voluptuosamente adornado representará o ninho dos

ANDROGYNOS ou o triumpho de **VENUS.**

Frei MAGRICO encarregado de tão importante papel deslumbrará o publico com seu magico **explendor**, deixando ver a furto, atravez das roçagantes gazes, a perna alabastrina, roliça e torneada e o niveo seio, entumecido ao simples contacto da brisa do Anil.

Este carro irá flanqueado por dois soberbos cavalleiros

ADONYS e CUPIDO,

em que Frei MIRANDA e Frei OZORIO, provarão ao publico que o ser padre não priva de ser gamente.

5.º

Um quarto carro, primorosamente adornado pelo beaterio do coração, levará o insigne **D. GERÉBA** representando a

IGNORANCIA.

O gesto, a palavra, a propria cara apelermada, garantem d'ante mão um enorme successo.

A cavallo em magnificos jumentos irão, como pagens de honra, Frei MARINHO e Frei CARINO, representando a—**Parvoíce.**

6.º

O incomparavel **BRISTOL**, vestido de cartas contra os maçons, capitaneará, fechando a caravana, o **santa bando do coração**, que batendo palminhas cantará ao som d'aquella pandega loada de que tanto gostava o palhaço Virgilio, os seguintes pedacinhos:

D. Geréba é bonito?

É sim senhor.

Mas um pouco canelinho?

É sim senhor.

Já furto ou vercolinho?

Já sim senhor.

D. Geréba é um burrinho?

É sim senhor.

O bando sahira do Largo dos Remedios e debandará no de Santo Antonio, depois de um furioso **carroço**—em que D. GERÉBA mostrará mais uma vez suas habilidades PUNGIVISTAS, ao som destes versinhos:

Junta osso no chão
Antoninho Paspalhão.

Junta osso no chão
Antoninho Paspalhão.

VIVA O CARNAVAL.

Maranhão.—Impresso no Typ. do Frias.

O senhor conego Ozorio—apuelle! que defendeu no pulpito a existencia da Capela—aquelle!!! que, dizem, arranjou com s. exc. o Bispo a excomunhão do desgraçado que escreve estas linhas—aquelle!!! que vemos todo dia passear pela rua n'uma sommo-cencia astuciosa,—aquelle!!!! que em uma conferencia das Mercês disse que os paes nã tinham que chourar na educação de seus filhos, por que ella pertencia unicamente a mãe, ao professor e ao padre. Pois bem esse conego, esse philosopho, esse bicho, pregou-nos uma parli-da de mestre:

Imagine o leitor que o nosso homem tinha ilo ungrir o cadaverzinho de uma criança e que, depois de cumpridas as ceremonias fúnebres, quando o anjinho achava-se na sua caixa de rabeça, cercado de flores, vestido de cires, com as faces pintadas, o beijo finto, como de uma Nana, saes-se elle, o padre, de seus cuidados e, no meio do auditorio, saca soliturnamente da algibeira da latina uma carta e exclama, mettendo-a na mäsquina do pequeno—Tu! anjo innocente, far-me-hias o obsequio de ser o portador desta missiva, que eu resolvi escrever a Deus, nosso senhor e amparo! Tu! flor de candura pura! serás o fiel mensageiro de minhas palavras ao pae de todas as cousas! Tu! que não tiveste tempo de chumiscar a branca penugem de tuas azas ao bato quente das paixões mundanas—tu! pomba angelica, levarás no bico a minha epistola e soltar-a-hás no regajo daquelle, que tudo pode, porque nunca dorme, nem descansa! Vae! e dize a nosso pae o que ha por cá! conta-lhe quanto soffremos, nós—os seus sacerdotes! pinta-lhe ao vivo o modo desastroso porque conduzem neste inferno a sua santa Igreja, creada por seu divino filho, pedes mesmo dizer-lhe que é aos punta-pós, Falla-lhe das congruas! na quebradeira que vae pelo Clero! conta-lhe a perseguição que nos fazem todos, todos, todos! E principalmente não te esqueças de recomendar O Pensador, o orgão da maçonaria, do qual mais circunstanciadamente fallo na carta, olha! explica-lhe mesmo o que é o tal chronista e diz-lhe que não se esqueça de meu pedido—o Ozorio cá fica a espera da resposta—o Senhor Padre Eterno que não faça agora ouvidos de mercador!...

Desgraçadamente não podemos alcançar a preciosa carta, que deve ser um modelo no genero, e por cujo estilo talvez chegassemos a descobrir o autor da algumas outras milagrosas, que esportamente se vendem nesta cidade a cinco tostões, a pataca, erusado etc. etc.

Todavia quereamos crer que não foi precisamente para dizer a Deus que nós, apesar de orgão da Maçonaria, somos a flor dos rapazes, que o incansavel Ozorio deu-se ao trabalho de escrever para o ceu Com certeza s. rev. intrigou-nos com o Padre Eléio—pintou-nos mais lofos que o demo e supplica que Elle, por sua alta misericordia se dignasse fulminar-nos, para castigo do orgão e para dar um bom exemplo de justiça divina as gerações futuras.

Ora ahí está o que se lucra em ser orgão! Já viram?!...

Com certeza o creador, na sua boa fé, acredita nas trincas do conego e danos cabo da pelle—arre! que já sentimos arrepios na espinha!

E no entanto dar cabo de nós, por que somos o orgão da Maçonaria, é uma injustiça clamorosa—é uma injustiça, porque nós não temos culpa de ser o orgão. Si ha um culpado nisto é o senhor Mourão—elle é que devia morrer!

Começou a nos chamar o orgão!—Que nós eramos o Orgão! Que nós sempre fomos o Orgão! E nós ficamos sendo o orgão—ora essa! O orgão não custava a ser?... nós fomos!

Foi elle, o Mourão quem nos convenceu—nós nunca pensamos em ser orgão de cousa alguma—Um dia deitamo-nos simples rapazes, alegres, amigos da justiça e da verdade, e quando acordamos muito descansados—eram todos orgão!

Ficamos orgão sem nos sentor, apparecen-nos a orgão, como apparece um antraz ou como apparece uma papeira.

Nós não temos a culpa—fizemo-nos orgão como se engordássemos, sem saber o motivo porque engordávamos.

Quando nos chamaram pela primeira vez—orgão da Maçonaria, nós riamos—ora agora—orgão! Para cá vens do carrinho!...

Mas no dia seguinte tornaram-nos a chamar, no outro dia, *idem, idem!* Si encontravamos um amigo na rua, elle perguntava pelo nosso orgão! Mal corriamos a viela pela *Cordeiracoum* pelas *Cartas* da dr. Mourão a primeira cousa que nos saltava aos olhos era o nosso dilecto do orgão. O orgão foi-se identificando com nosco, foi nos invadindo, foi nos possuindo; quando demos por nós eramos um puro orgão.

E agora o verás!

Ninguem já nos permitava—Como vaes de saude? mas simplesmente—Como vaes do orgão?!

Ora eheio!

De sorte que um bello dia entrou-se na a duvida na cabeça e estacamos como *Hambet* defronte de um grande ponto de interrogação—Ter ou não ter dentro o orgão?

—smenos não quoriamos ter o orgão—queriamos expellit-o para longe, botal-o de nós, descarregarmo-nos delle como de uma carga pezada—arranca-o das costas, como se arranca uma moelha encommoda, soltal-o no meio da rua, depois o aos pés do *premier venu*—expellit-o como o carnegão de um furculo!

Mas o diabo do orgão cá estava sempre com nosco! Que diabo lhe haviamos de fazer?! Elle se nos tinha inoculado, filtrado por nossos póros, s'introduzido em nosso sangue e participado de nossa circulação.—arranca-o era morte certa! mas tambem ficar com elle dentro era o diabo! era um cacete!

Mas ficou! E supponos até que engorda, o trasie!

Por conseguinte entendemos que será uma grande injustiça divina si Deus nos fulminar por que somos o *orgão da Maçonaria*!

Que culpa temos nós de ter o orgão?!

Nós temos o orgão como teriamos a hicha—por uma simples fatalidade pathologica!

Si nos fulminam porque temos o orgão, mandem matar o Mesquita porquã é horrivel, mandem castigar o Macedo, porque teiu o nariz immenso, mandem esfaquear o Jorge, porque tem uma giga, mandem fuzilar o Almeida, porque tem um appetite terrivel, mandem bombardear o Luiz das Meias, porque tem uma enorme harriga! acabem como o Panfa Duarte, porque tem uma perna inchada! Enforquem o Sampaio, porque parece um sapo!

O orgão é o nosso defeito, é o nosso fraco, é o nosso rabo de palha, pois bem! mas nós não temos culpa disso!

E portanto pedimos encarecidamente a Nosso Senhor e Deus Misericordioso, que, em virtude das razões acima expostas, queira por sua alta bondade e di vina justiça dignar-se mandar o reverendissimo conego Ozorio—fumentar-se!

E agora, leitor, si quizeres anda d'ahi! e vamos ver os mascaras!

E quanto a vv. excs., queridas leitoras, lembrem-se de que é de nosso costume receber, por esta epocha, presentes de filhozes...

COLLABORAÇÃO

Sociedades Jesuiticas.

Em diferentes epochas e em todos os paizes...

Estas sociedades, creadas sacrilegamente sob a invocação d'este ou daquelle santo...

Os sclerados não cogitam dos meios, nem medem a grandeza das infamias...

O nome de Christo anda de Castro pelo lodagal immundo dessas horriveis haedanas!

O confessorario, irmão gêmeo d'essas satánicas congregações, é a avançada poderosa do seu torpe engrandecimento.

E ali—no confessorario—nesso antro de maldade, onde se ouvem os absurdos mais estupidos!

E ali, onde a moral equívoca encontra decediada apologia!

E ali, onde a religião de Christo serve d'escondito ás mais ruins paixões!

E ali, onde a pureza d'alma foge esparvada ao contacto asperoso do verbo sensualista e aguardeulado!

E finalmente ali, onde a infamia da jesuita ostenta nua toda a sua hediondez...

Pais inexperiente e maridos incautos afastai d'esse covil de cafetões vossas filhas e vossas esposas.

O Maranhão, essa abençoada terra do Brazil, não tinha o Jesuita, vivia em paz. Mas o Jesuita veio e a sociedade sacrilega logo appareceu.

Um hurrah pelas maranhenses.

O Marquez de Pombal.

Candidaturas.

Os motivos das acções dos homens malevolos e mal intencionados são quasi sempre a inveja e o despeito.

Temos sempre visto o padre romano á frente de todos os movimentos, que tendem para a morte moral do homem...

Assim é que os vimos atontar contra a liberdade do pensamento, já creando sociedades secretas, sob a denominação de irmandades do coração de Jesus...

Mas os seus deslates não são ouvidos. Ninguém importa-se com a hilis que,

sob a forma de jornal, sae dos baixos de Santo Antonio.

E isto,—lan digno procedimento da parte do publico maranhense—, exaspera-se de uma maneira incrível.

D'isto temos prova cabal. Um facto que se deu ultimamente entre nós, dispensa outra qualquer.

Não tratamos de apreciar os meritos do sr. Hoyer. Nem de leve mesmo, procuraremos indagar se elle tem ou não os requisitos necessarios para occupar um lugar na representação nacional.

A gente da tal civilização que, por motivos occultos, não morre de amores pelo sr. Martins salta a campo.

Eis o padre romano em seu elemento. Ello attentando contra a liberdade do pensamento.

Tratando-se de uma questão de magno interesse para o paiz,—a eleição de seus representantes—, todo cidadão que desejar o bem publico, só deverá olhar para os meritos dos individuos a quem tem de prestar seu voto.

Não satisfeita ainda, a gente da tal civilização prometeu voltar ao assumpto. Talvez seja para recomendar algum candidato.

E este, a seguir o rifão—*eur populi, eur dei*—não pode deixar de ser o bacharel n. 2, Fernando Mendes do Almeida.

Tudo, porém, é de esperar da tal civilização. Todos os meios ella empregará para empoletrar um dos seus acolytos.

Mas o tempo perdido. O publico maranhense não lhe prestará ouvidos. Elle é demasiado grande, porque é o povo. E a gente da civilização é infima para dar-lhe conselhos.

Depois da novissima reforma eleitoral que realison uma grande aspiração nacional, cada cidadão dará seu voto com consciencia.

Compra-o. Premio o verdadeiro merito. E... deixe fallar o bando da civilização.

Hugo.

Enigma 1.

Porque será que seu Pureza gosta mais das folhas de livro... que das folhas de rosa?

O compadre Marcondes.

Contos deste mundo.

Queixava-se o padre Main, lastimoso, em phrazes de prauto entrecorçadas, de não andar de meias encarnaladas como o Mouão, o genio portentos.

Este olhava o bispo e invejoso, soltava co'a mitra e outras trapalhadas, em tão aligeiras sempre recheadas, e orphans bonitas, que lhe dessent gosto.

No entanto o D. Gerôla contemplava a sua farpella larga e preta, e baixinho suspirando murmurava:

—Oh! como em deixava esta roupaeta, e feliz e alegre não voltava, a, como outr'ora, ser méro corneta!

A. de P.

ECHOS DA RUA.

De quem seria um macinho de cabellos que D. Gerôla mostrou, todo riscado, lá no mirante, á irmã Zeladava?

—Não sei... Quem sabe é o sobrinho de seu tio...

No dia 9 do corrente, o revil. Frei Ozorio deu bola relha nos meunhos do Seminario, por causa de cartas de namoro; e no entretanto continua com o d'elle á rua Formosa!

—Pedimos ao bispo diocesano que tambem dê bolos no padre Ozorio.

No dia 12 do corrente, pelas 10 horas e 23 minutos da manhã, entrou no Paço de D. Gerôla um pequeno garrafo de Paraty...

—Agora sim, que os pasquins contra nacoens não de vir assustadas...

O perigoso impachado disse—tudo se estupidando, em tud dos seus ultimos sermões—que padre tambem tem coração...

—E os paes de familia vergalho, meo revil.º tartufo.

Informa-nos pessoa competente que as batinas das beatas do coração estão a chegar.

—Não podiam vir em melhor occasião. E' deitar uma máscara, vestir D. Gerôla de cupido, Frei Agostão de donzelo, João Abouro Grande de burro e viva o Carnaval!

A benta Gersão-o-cão disse em artigo de fundo—que nenhum verdadeiro saccoblate deve ser liberal, porque esse partido ataca o santo Belgiois. No retrovanto agora publica annunciios politicos do digno liberal padre Carvalho!

—Não sabemos o que mais admittir: se a incoherencia, se a estupidez dos santos redactores.

O perigoso impachado disse em um sermão ás beatas; que não se devião mascarar: e se por fomeza o fizessimo, fosse isso muito em segredo.

—João isto é burriedade, porque mascaradas já andam ellas representando os papéis que tu lhe ensinás.

Azi negro o perigozo, disse na Vivica n. 27—que a impudécia e as paixões sensuaes são as causas da grande incredulidade que hoje reyna.

—E como nos explicará elle a sua enorme credulidade, com o negocio das duas orphãs...

Diz tambem João Moura-grande—que a estes ultimos tempos as noças beaticas, sob o titulo specioso de reformas, bratarem do seo da corrupção. Das beas-deis sahiram os erros. De modo que o senado é borle?!

—Este tartufo tem com certeza prurito no lombo...

No «Bazar Literario» da Civilização vende-se constantemente—espírito engarrafado do famoso Bristol e possibéis a Peseoza.

te querem afitar. Prepara-te para matar e ri-te d'elle e das cartas.

Temos á mão bons desinfectantes.

Mais longo não podemos ir. Se mais fallssemos da ultima carta aos nacoens, estavamos arriscados a sentir as dores do vomito.

E depois estavamos completamente limpos. A lama não se nos pegara, a primeira pennada voltou para o monturo de que veio.

E' hom que não volte.

—Voltara?

—Se voltar esperamola com o clico-te...

Ainda o sobrinho de S. Exc. Rem.

A Civilização do sacristista, em seu n. 27, sem provas com que podesse defender s. exc. revm., das justas censuras que lhe fizemos...

Sem a prevista coragem para atacar-nos de frente, como fazem os homens leaes; com a sua costumada tactica jesuitica, foge á responsabilidade e afira-nos um insulto...

O insulto porém não alcançou-nos. Para os cães leprosos que procuram morder-nos só temos o despreso. E' essa a arma com que costumamos esmagar a hypocrisia.

A tal parabolá mostra bem claramente o lugar d'onde partio. N'ella o jesuita mentio mais uma vez. Mentio dizendo que o sobrinho de s. exc. revm. é ladrão; e mentio dizendo que patrocinamos um criminoso.

O Pensador—pois, não protegen um criminoso. Acando um infeliz que sollicitava a sua protecção.

Se porém o sobrinho de s. exc. revm. tem o costume de fazer não lere n'aquillo que encontra (o que não acreditamos) é o caso de usar-se do adagio citado pela Civilização—padresca:—*dize-me com quem vires, dir-to-hei quem tu és*—E' ha trez annos que Zacharias Nogueira vivia com s. exc. revl., de cujo Paço trouxe a pécha de ladrão.

Eis a certidão:

Illm. e Dig.º Sr. Dr. Chefe de Policia. Certifique-se.

Secretaria de Policia do Maranhão, 12 de Fevereiro de 1881.

C. Franco.

A Redacção d'O Pensador precisa, para garautia de seu protegido Zacharias Marcondes Nogueira, que v. s. se digno de lhe mandar certificar se consta n'essa secretaria o quer que seja, que, d'alguma forma, possa embarcar a sahida do referido Marcondes desta provincia; e n'estes termos

E. R. M.

Maranhão, 12 de Fevereiro de 1881.

O Secretario.

Paulo Augusto Gomes Pereira.

Certifico, em cumprimento do despacho supra, que por esta Repartição nada consta que possa embarcar a sahida de Zacharias Marcondes Nogueira para fora da provincia.

Secretaria de Policia do Maranhão, 12 de Fevereiro de 1881.

O amanuense.

João Baptista de Moraes Rego.

Confere.

O Secretario

Joãoquim José Alves Junior.

